



## **PAISAGEM CULTURAL E ETNOGRÁFICA PARANAENSE: Expedições pioneiras de reconhecimento de terras na década de 1920.**

**YAMAKI, Humberto. (1); FRANK, BRUNO. (2) KANASHIRO, MILENA. (3)  
PANCHONI, MARIA EMANUELLA (4)**

1. Pesquisador e coordenador do Laboratório de Paisagem. Universidade Estadual de Londrina-UEL. Centro de Tecnologia e Urbanismo e Programa de Pós graduação em Geografia.  
Rodovia Celso Garcia Cid | Pr 445 Km 380 | Campus Universitário  
Cx. Postal 10.011 | CEP 86.057-970 | Londrina - PR  
E-mail: yamaki@uel.br
2. Pesquisador, Laboratório de Paisagem. Universidade Estadual de Londrina-UEL. Centro de Ciências Exatas. Departamento de Geografia.  
Rodovia Celso Garcia Cid | Pr 445 Km 380 | Campus Universitário  
Cx. Postal 10.011 | CEP 86.057-970 | Londrina - PR  
E-mail: bruno.j.frank@gmail.com
3. Pesquisador, Laboratório de Paisagem. Universidade Estadual de Londrina-UEL. Centro de Tecnologia e Urbanismo e Programa de Pós Graduação em Projeto.  
Rodovia Celso Garcia Cid | Pr 445 Km 380 | Campus Universitário  
Cx. Postal 10.011 | CEP 86.057-970 | Londrina - PR  
E-mail: milena@uel.br
4. Pesquisador, Laboratório de Paisagem. Universidade Estadual de Londrina-UEL. .  
Rodovia Celso Garcia Cid | Pr 445 Km 380 | Campus Universitário  
Cx. Postal 10.011 | CEP 86.057-970 | Londrina - PR  
E-mail: panchoni.manu@gmail.com

## RESUMO

O Norte do Paraná era uma região de terras consideradas devolutas, de propriedade do governo, até o início do século XX. A existência de solos férteis com possibilidade de concessão ou venda pelo Governo do Estado atraiu grupos nacionais e estrangeiros interessados em grandes projetos de colonização. Apesar disso, a cartografia era escassa e pouco detalhada. O reconhecimento de terras era baseado em expedições de observação onde se analisava: relevo, vegetação, águas, fertilidade do solo e clima entre outros. Seguiam caminhos e trilhas conhecidas ou abrindo novas picadas. O estudo enfoca os diários e anotações de campo de duas expedições: Barros e Umetani. 1) A Expedição Barros (1927) parte de São Paulo e chega inicialmente a Paraguassú-SP na linha Sorocabana. Atravessa o rio Paranapanema e sobe o rio Tibagi até a localidade de Jatahy. A partir dali, ruma ao chamado sertão desconhecido até o espigão entre os rios Pirapó e Ivahy. Visava o reconhecimento dos limites das terras devolutas compradas pela Companhia de Terras Norte do Paraná. 2) A Expedição Umetani (1928) parte de São Paulo, visita núcleos coloniais e fazendas, e chega até Cambará PR. A partir dali faz prospeções nas bacias dos Cinzas e Laranjinha. Tinha como objetivo a aquisição de terras para a Confederação das Cooperativas de Colonização Ultramarina do Japão obedecendo a algumas condicionantes pré determinadas. A pesquisa identifica e recupera a rota das duas expedições, com ênfase no trecho paranaense. Faz uma síntese de observações relatadas acerca da vegetação, fertilidade, clima e paisagem e mapeia as respectivas informações. Constitui importante material para a compreensão do posterior processo de ocupação e moldagem da paisagem cultural e etnográfica norte paranaense.

**Palavras-chave:** Paisagem etnográfica; expedições pioneiras; Norte do Paraná.

## Introdução

O estudo trata de duas expedições ao Norte do Paraná: Barros (1927) e Umetani (1928). Numa época em que o material cartográfico era escasso, visitar in loco era uma das poucas alternativas possíveis ao reconhecimento mais detalhado do território.

As expedições da época tinham propósitos diferentes: demarcação e reconhecimento de terras, procura de terras com documentação legítima para fins de colonização ou visita a núcleos coloniais e verificar a viabilidade de culturas de café e algodão, entre outros.

## Mapas do Paraná do século XIX a XX

Até o início do século XIX o sertão do Paraná era uma região pouco conhecida. Entre 1840 e 50, João da Silva Machado, mais tarde nomeado Barão de Antonina, promoveu várias expedições de exploração e reconhecimento, na tentativa de estabelecer uma ligação entre Curitiba e o Sul de Mato Grosso e articular a posse de terras nos "territórios desconhecidos" (Wissenbach, 1995, p.137).

Segundo Wachowicz (1987, p.45) o primeiro mapa da região foi elaborado pelo explorador norte americano J. Elliott a serviço do Barão de Antonina. Baseou-se em informações de índios, sobre os lugares ainda não vistos.

O mais antigo documento conhecido que indica a existência de conjunto de "estrada de tropas" nas margens do Tibagi é o mapa elaborado por Francisco de Paula e Silva Gomes (1843) visava identificar o local para instalação de futura Colônia Militar. (Wachowicz, 1987, p.18). No mapa esquemático em questão, a estrada de tropas que margeia o Tibagi, atravessa o ribeirão Perdidos e avança em direção ao ribeirão do Engenho é o Picadão Três Bocas. Foi o caminho utilizado pela Expedição Barros (1927), aqui analisada. A existência de "boas veredas", atalhos utilizados pelos indígenas na região, é relatada pela expedição enviada em 1862 pelo administrador da Colônia Militar de Jataí para abrir uma picada em direção a Pirapó (Oeste do Tibagi) (idem, ibidem, p.45). Todavia, continuava a escassez de informações cartográficas precisas.

Um "Mappa do Paraná" de 1896, por exemplo, indicava na porção do Paraná entre os rios Tibagy e Ivahy: terras devolutas, sertão desconhecido e índios caingangos. Na década de 20, época das expedições tratadas neste estudo, já existiam alguns mapas detalhados sobre o Estado. Podemos citar: "Mappa Geral do Estado do Parana" de Romário

Martins (1921) – considerado a reimpressão do mais bem detalhado mapa com cidades, segundo descrição do Instituto de Cartografia e Geociências do Paraná – ITCG; o “Mapa do Estado do Paraná” – com hidrografia e ferrovias e o “Mapa Estado do Paraná e sua Rede de Viação Kilometrica” – que trazia as distancias entre estações ferroviárias e cidades.

As expedições eram necessárias para a verificação do clima, se ameno ou não, a ocorrência de geadas e as condições de fertilidade e salubridade.

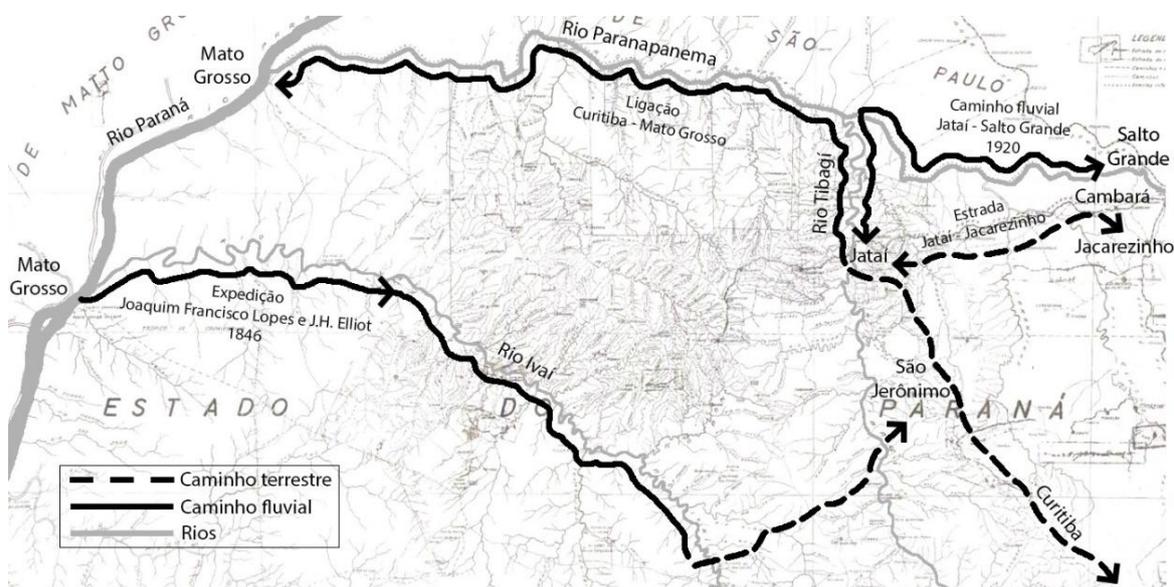


Figura 1. Mapa Esquemático com as principais rotas de exploração no Paraná, nos séculos XVIII a XX, a partir de Wachowicz (1987). Mapa Base: Seção de Topographia da CTNP (1939). Org. Martins e Yamaki, 2014

O Mapa representa as principais rotas de exploração do Norte do Paraná. Os acessos principais eram via Curitiba e Ourinhos. Mais tarde, com o prolongamento da Estrada de Ferro Sorocabana, o acesso se tornou possível por vários pontos da ferrovia ao longo do rio Paranapanema.

## **Compra de Terra e Demarcações.**

A partir da Lei de Terras de 1850 o Governo Imperial passa a organizar a posse de terras devolutas nas Províncias. Visava tanto moralizar o procedimento de compra de terras como expandir os limites do território ocupado. O Decreto 6129/1876 organiza a Inspetoria Geral de Terras e Colonização e especial atenção é dada na questão da medição e demarcação de terras. No modelo de memorial sobre demarcações, consta a necessidade de marcos em pedra ou madeira, o uso de arvores notáveis e medição e divisão em linhas que corram no sentido NS. (Freitas, 1882)

Uma Escripura de Compra e Venda de Terras Devolutas, num total de 350 000 alqueires, foi assinada entre os Estado do Paraná e a Companhia de Terras Norte do Paraná em Outubro de 1925. Picadas existentes, linhas divisórias de terras devolutas, marcos de madeira lavrada colocados pelo Comissário de Terras, estrada de automóveis, espigão ou divisor de águas, retas perpendiculares, fazendas, *divortium aquarum*, constituíam os elementos delimitadores das terras do empreendimento.

Na época, o Governo do Estado havia destinado à colonização algumas áreas à margem do rio Paranapanema. Assim, as terras da CTNP estavam delimitadas pelas concessões existentes, uma linha NS que ligava o rio Paranapanema às proximidades da corredeira de ferro e os rios Ivahy e Bom.

Nessa época a grande preocupação era sobre a legitimidade de terras. Muitas colônias de imigrantes tinham tido problemas com a documentação e renegociação após a instalação. Assim, o contato com a Companhia Agrícola Barbosa que possuía mais de 100 000 alqueires de concessão de terás era uma opção para novos empreendimentos de colonização.

## **Duas Expedições: Barros e Umetani**

As duas expedições, realizadas respectivamente em 1927 e 1928 tinham propósitos diversos. A expedição Barros (1927) visava o reconhecimento de terras devolutas adquiridas pela Companhia de Terras Norte do Paraná. A expedição Umetani (1928) por sua vez, visitava os principais núcleos de imigração japonesa nos Estados de São Paulo e Paraná e buscava terras para projeto de colonização.



A 30/6 seguimos de automovel para Jatahy, margem do Tibagy, 60 kil. acima da confluencia com o Paranapanema; ali encontramos o Sr. J. Fraser, com as providencias já tomadas para a expedição em demanda das terras da Companhia no extremo Leste.

O acesso via Paraguassu, na linha Sorocabana, era um das poucas opções de acesso à região nesta época. A estrada Cambará a Jataí estava sendo aberta. A partir da Estação Paraguassu, a expedição passa pela Colônia Sertanópolis que já era um pequeno povoado na época. Seguiam uma estrada antiga que ligava o rio Paranapanema a Jatahy, passando pela margem esquerda do rio Tibagi.

Jatahy, a antiga Colônia Militar de Jatahy foi instalada em 1855 (MINISTERIO DA GUERRA, 1862). Constituía, por volta de 1874, uma "povoação sertaneja, um bom modelo de sua classe" (BIGG WITHER, 1974, p.388). Em 1896 o Ministro da Guerra emancipou Jatahy que passou para a administração civil (WACHOWICZ, 1987, p.49). Jatahy situada em local estratégico, às margens do Tibagi, serviu como base para algumas outras Companhias de Colonização, como exemplo a Sociedade Colonizadora do Brasil -BRATAC.

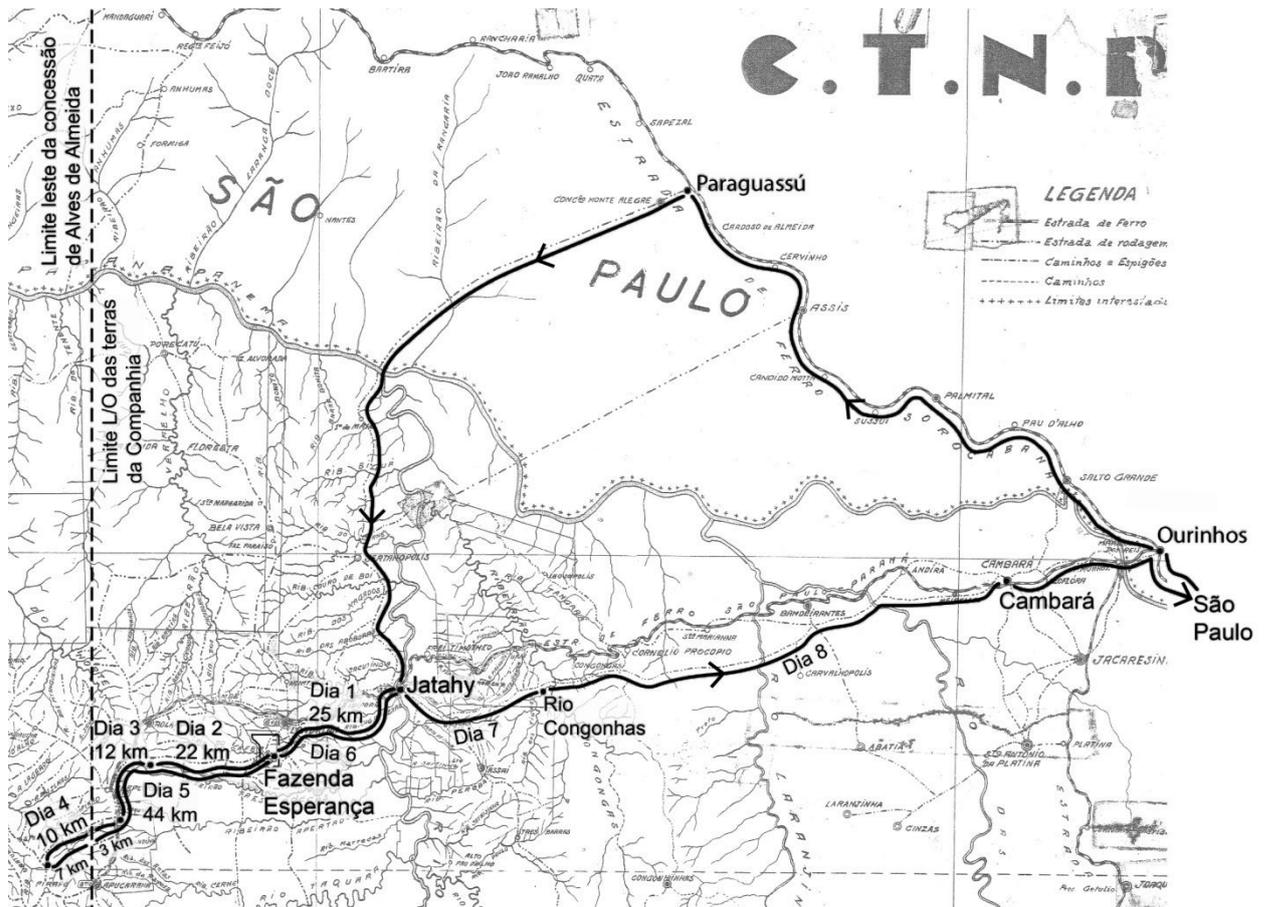


Figura 2. Mapa com o Roteiro da Expedição Barros (1927). Mapa Base: Seção de Topografia CTNP, 1939. Pesquisa e Montagem: Yamaki 2014, Desenho: I. Martins, 2014

A 1 de julho estava organizada a expedição assim: - Moraes Barros, Dr. Gastão, Dr. Willie, Dr. Heber Palhano, e dois camaradas com um cargueiro.

Partimos de manhã, seguindo pela bacia esquerda do rib. Tres Boccas, com destino à fazenda Esperança, de propriedade dos irmãos Palhano, que atingimos com um percurso de 25 kil.

Desde o Paranapanema até Jatahy as duas margens do Tibagy são de optimas terras rôxas. E terras rôxas são as que perlustramos desde o Tibagy até a fazenda do Palhano.

Percorridos cerca de 10 kil. o terreno vai se elevando sempre coberto de frondosa matta até atingir a altura de 600 m., notando-se que atingida a

altura de 530, cessaram os sinais de geadas, que reapareceram quando descemos para a fazenda Esperança, na altura a 510 m.

O caminho percorrido, conhecido como Picadão Três Bocas, é citado em várias correspondências e relatos de entrada à região. Por volta de 1928, o médico Gustavo Avelino Vieira, médico e plantador pioneiro de cafezais no Estado de São Paulo, tinha que percorrer dois longos caminhos para atingir as terras de sua posse na região chamada Três Bocas: (1) vir de São Roque (atual Tamarana) a cavalo ou (2) pelas picadas existentes a partir de Jatahy (CORRÊA, 1991, p.31). O caminho seguia o ribeirão Engenho de Ferro e prosseguia a meia encosta.

A Fazenda Esperança, nas proximidades do ribeirão Esperança, havia sido demarcada pelo Comissário de Terras engenheiro Mábio Palhano. Esta área ficou fora do contrato de compra de terras devolutas da CTNP.

Nos últimos 10 km. começamos a encontrar alguns pinheiros, em boa camaradagem com numerosos pães d'alho e figueiras brancas, jangada brava, jaborandy rajado, cambará e lindos palmitais, que constituem os mais lindos padrões vegetais da terra rixa de 1ª qualidade. Mattas de magestosa fronda, com madeiras grossas como peroba, timbury, guaritá, e alguns cabreúvas e grayuviras.

A preocupação da expedição era de confirmar a fertilidade das terras roxas e as marcas de geadas, já que uma das possibilidades era o plantio de café. A existência de boas madeiras permitiria aos colonos, meio de subsistência nos primeiros anos.

No dia 2 prosseguimos com um percurso de 22 km., depois de atravessar o rio Cafezal, volumoso afluente esquerdo do Três Bocas, percorrendo o divisor entre estes dois cursos d'água. Os terrenos de baixadas, conquanto conservem alguns padrões, apresentam-se com aspecto inferior, sempre, porém, de terra rixa. Galgado o assento do espigão a mata readquire a fronda alta, e ressurgem com frequência os afamados padrões: - pão d'alho, figueira, jangada e palmitais, acompanhados de alguns pinheiros. Os aneroides registraram alturas de 600 m e mais.

Além dos caminhos existentes, outra referencia importante eram os ribeirões. Em certo momento, a expedição passa a andar pelo espigão, divisor de águas.

No dia 3, sempre subindo lentamente, atingimos 730 m com um percurso de 12 kil. e acampamos à margem direita de um corrego que flúe da esquerda para a direita e que pelas informações parece pertencer à bacia do rio Pirapó. Teriamos, pois, transposto o divisor Tibagy-Pirapó. Terrenos com o mesmo aspecto anterior. Terra rôxa sempre.

A partir do terceiro dia, percorridos cinqüenta e nove quilômetros, a expedição imagina ter transposto o divisor de águas Tibagi e Pirapó. O Vale do Pirapó era o local onde a Companhia Marcondes de Colonização – SP já havia vendido alguns lotes. O Pirapó era uma referencia hidrográfica importante por correr no sentido Norte Sul.

No dia 4 seguimos em direção L.O. cerca de 10 kil.. Com 3 kil. atingimos a picada que inflecte à direita em direção S.N., limite Leste das terras da Companhia, a qual prolongada, constitue tambem a linha Leste da divisa da concessão Alves de Almeida. Transposta esta picada seguimos mais 6 ou 7 kil., rumos L.O., descendo. Nos últimos 3 kil. cortamos tres pequenas aguas que correm da direita para a esquerda, suppondo por isso que vertem para o rio Ivahy. O terreno atravessado traz com menos frequencia os grandes padrões vegetaes, mesmo nas baixadas pedrentas de mattas mais feias. Não vimos territorio algum classificavel como cerrado. Transposta a 3ª agua, que é a maior, a

matta melhora. No espigão reaparecem em profusão os grandes padrões e lindos palmitaes, em altura superior à 620 ms. Correndo as aguas para o Ivahy, suppomos ter deixado à direita (Norte) o espigão divisor deste com o Pirapó. A presença de pinheiros na zona é indice de clima frio, não obstante a matta, nos altos, não mostrar signaes de geadas. Ha noticias de que nas vertentes do Pirapó desaparecem os pinheiros. Essa região é faceada para o Norte, e por consequencia as terras devem ser mais apropriadas para café sob o ponto de vista do clima.

A partir do quarto dia, escasseiam as marcas de localização. A expedição toma como referencia a continuação da linha da concessão Alves de Almeida. Esta concessão de meados da década de 1920, se estendia das margens do rio Paranapanema até o espigão.

Obedecendo a Lei de Terras (1870) que regulamentava as aquisições de terras e como resultado do pouco conhecimento do relevo, bacias e referencias geográficas, as linhas de demarcação norte-sul seriam fundamentais para a localização.

Pela descrição, não é possível saber com exatidão se o caminho que seguia pelo espigão até Apucarana, ou uma estrada que é desenhada na Planta da Seção de Topographia da CTNP (1939). Pela localização do prolongamento da linha de concessão e ribeirões, consideramos a segunda opção.

No dia 5 regressamos para a fazenda Esperança.

No quinto dia a expedição percorre quarenta e quatro quilômetros e retorna pelo mesmo caminho. O ritmo da expedição demonstra que uma rede de caminhos conhecida de tropeiros e fazendeiros poderia existir na região.

A 6 chegamos em Jatahy.

No dia 7 chegamos ao Congonhas, depois de atravessar por uma picada pouco transitada terrenos de 1ª qualidade. No divisor Tibagy-Congonhas atingimos altura de 600 m. Terras sempre rãs e bem vestidas e que assim continuam até a cidade de Cambará, onde chegamos de automóvel no dia 8.

O rio Congonhas, depois Laranjinha e Cinzas eram os mais importantes no percurso Jatahy a Cambará. Cambará, antes denominada Alambary era uma cidade importante e ponto final de uma linha ferroviária construída por fazendeiros no trecho Ourinhos – Cambará.

Na manhã de 10 chegamos a S. Paulo. Nunca vimos tanta terra boa. Eis a vol d'oiseau a impressão que nos deixou a interessante excursão.

Com a estima do sempre seu am.º e crdo.

16/7/27

assinado: Antonio Moraes Barros

(CTNP, 1975)

Na época da expedição Barros, já existia uma estrada de cerca de 100 km, acompanhando o rio Pirapó no sentido norte sul. Através do diário podemos constatar que a expedição avançava de dez a vinte e cinco quilômetros por dia. Barros observa com atenção os vestígios de geada, relacionando o clima e altitudes com a vegetação e a fertilidade das terras roxas. Pode-se concluir que a expedição Barros seguia a tradição de exploradores e sertanistas como Bigg Wither (1872-1875), nas referências utilizadas nos deslocamentos e observações acerca da paisagem.

### **A Expedição Umetani 1928**

Umetani (1928) procurava a disponibilidade de terras férteis com título de propriedade legítimos, ao mesmo tempo em que visitava as várias colônias de imigrantes japoneses ao longo do caminho.

Na década de 20, os burocratas da embaixada do Japão faziam freqüentes visitas às fazendas onde havia grupos de imigrantes japoneses. Visavam verificar as condições de salubridade e de trabalho.

Segundo Umetani M. (Ushikubo 1982, p.6), Mitsusada permaneceu 18 meses no Brasil durante dois períodos de estada. Viajou durante 291 e percorreu 72 000 quilômetros por todo o Brasil, principalmente os Estados de São Paulo e Paraná, deslocando-se até o Paraguai.

### **Antecedentes da Expedição**

Em 1926, foi criada no Japão a Kaigai Iju Kumiai Rengokai (Confederação das Cooperativas de Colonização Ultramarinas do Japão). Visavam o planejamento de núcleos de imigração no Brasil. Umetani Mitsusada e Aoyagui Ikutaro, dirigentes da Confederação vieram ao Brasil para a aquisição de terras, observar e pesquisar métodos de administração. As condicionantes para aquisição de terras eram:

#### **1. Localizado nos Estados de São Paulo e Paraná**

2. Localizado a, no máximo 40 quilômetros da ferrovia
3. Mais de 10.000 alqueires
4. Altitude acima de 450 metros
5. Hum alqueire abaixo de 250 000 reis
6. Fertilidade e água
7. Terras salubres
8. Documentação de propriedade legítimo

Baseados nessas condições, foram adquiridas terras para a implantação no Estado de São Paulo, da Fazenda Bastos, Fazenda Tiete e mais tarde Fazenda Três Barras no Paraná.

O roteiro de “Viagem de Visitas ao Estado do Paraná” tem como base uma série de cartões postais (escritos em japonês) enviados por Umetani à esposa no Japão. A Publicação Comemorativa dos 50 Anos da Fazenda Três Barras (Ushikubo, 1982) traz as descrições dos postais.



Figura 3. Mapa com o roteiro da Expedição Umetani. Mapa Base: Mapa Esquemático de Visitas às Terras do Sindicato Inglês, CTNP [1932], Pesquisa e Montagem: Yamaki, 2014, Desenho: Hakamada, 2014

## Segue roteiro da expedição, descrito por Umetani

Primeiro dia. Sete de Março. Saída às 7 horas da manhã. Partimos, juntamente com o escrivão Saito para visita à linha Sorocabana. Depois de passar por Cotia, Sorocaba, Botucatu, Avare, chegamos às 8 horas da noite em Cerqueira Cesar. Imediatamente fomos a um hotel nas vizinhanças da estação. Sr. Okajima vem nos visitar.

Segundo dia. Oito de Março. Dia de chuva torrencial. Em meio à dificuldade de tráfego de automóvel devido as chuvas, partimos às 10 horas. Visitamos a plantação de algodão de japoneses como o Sr. Zouriki, no Dai Ichi Shokuminchi do governo federal, e a situação do algodão em Água Valeta (possivelmente Fazenda Água Preta). Devido à chuva torrencial as estradas ficam intransitáveis e, deixando o automóvel, seguimos a cavalo. A cultura do algodão apresenta bom desenvolvimento. Esta região é a mais conhecida pelo plantio de algodão por imigrantes japoneses.

Colônia Monções ou Colônia Núcleo Monção – núcleo colonial do governo federal criado em 1909. Os imigrantes japoneses entraram como colonos a partir de 1911. É considerada colônia shokuminchi pioneira. Em 1913 foi introduzida a cultura do algodão. Entre 1920 e 1924 várias centenas de famílias se fixaram no local. (Nenkan, p.,50)

Água \*Valeta (Preta) kouchi ou Fazenda Água Preta era uma das inúmeras fazendas ao longo da Sorocabana, em que os imigrantes japoneses entraram como colonos para o cultivo de algodão.

Terceiro dia. Nove de março. Devido às chuvas o trem atrasa cerca de três horas. Partimos às 10:10 horas da manhã. Chegamos em Ourinhos às 14:30 horas. Imediatamente seguimos em direção à Barbosa kouchi. No caminho atravessamos o rio Paranapanema. Faz a divisa entre os estados de São Paulo e Paraná. Chegada na Barbosa kouchi às 16 horas. Imediatamente vamos visitar as instalações. O desenvolvimento da plantação de café, a plantação de variadas frutíferas e as instalações são extensas e surpreendentes. Existem muitos pássaros na região. Nas manhãs e tardes ouvimos uma musica da natureza. Sentimos estar em

terras inóspitas. As instalações da sede são completas e quase nobres. Pernoitamos aqui.

Barbosa Kochi ou Fazenda Barbosa. Segundo a publicação Três Barras Ijuchi ( Três Barras 25 Shunen Kinen linkai, 1960, p.2) Antônio Barbosa, o proprietário da Fazenda Figueira localizada na Estação Alvarenga, perto de Ribeirão Preto visitou o Norte do Paraná em 1914. Mudando para o Paraná logo iniciou o plantio de café em terras recebidas do Governo. Uma forte geada em 1928 dizimou a plantação. Em 1925, Barbosa consegue 30 000 alqueires na região do rio Congonhas e em 1929, cerca de 90 000 alqueires a sudeste do rio Tibagi. A Fazenda Barbosa recebeu muitos colonos japoneses na década de 1910-20.

Quarto dia Dez de março. Saída de automóvel às 8 horas da manhã. Passamos por Cambará, cruzamos os rios Cinzas e Laranjinha, viajamos durante 70 quilômetros cercados pela floresta. Os últimos 5 quilômetros foram a cavalo. Chegamos em Congonhas, visitamos as terras do Sr. Yamashina. Logo retornamos à estrada principal para entrar numa vicinal também cercada de florestas. Depois de 18 quilômetros chegamos à Nomura kouchi. Às 20 horas da noite, sendo a estrada muito ruim, as condições de segurança são precárias. Coelho assustados com o farol cruzam a estrada. Pousamos na Nomura kouchi. Conversamos até as 2 horas da madrugada.

Fazenda Nomura ou Nomura Nambei Noujou. Localizada em Bandeirantes, foi planejada pelo Grupo Nomura do Japão em 1926. Tinha 1350 alqueires de plantação de café Bourbon. A planta geral e a organização seguiam o padrão de outras fazendas da região. Na década de 30 chegaria a ter 500 colonos imigrantes de várias nacionalidades.

Quinto dia. Onze de março. Visitamos a Nomura kouchi a partir das 9 horas da manhã. Depois do almoço partimos às 12 horas. No caminho de volta passamos pelo Nihonjin mura em Cambará. Moram vinte famílias e plantam algodão, café e arroz. Tem uma escola primária. Às 18 horas retornamos à Fazenda Barbosa. Os filhos de Barbosa e seus colegas estão na fazenda. Dividimos a mesa trocando relatos de experiências.

Nihonjin Mura ou Vila Japonesa. Foi a pioneira colônia de imigrantes shokuminchi em que eram os proprietários das terras. Em 1920, um grupo de imigrantes que haviam terminado o contrato como colonos em fazendas de café de Barbosa Ferraz, adquire uma área às margens do rio Alambari em Cambará. Dedicavam-se ao cultivo de algodão, café e arroz.

Sexto dia. Doze de março. Dia de fortes chuvas. Visita à Barbosa kouchi aproveitando a chuva. O cafezal e as casas de colônia organizadas causam boa impressão. Muitos pássaros em volta. Sons da natureza. De vez em quando vemos bandos de papagaios na plantação de milho. Pegamos o trem em Ourinhos. Sr. Hatanaka e Koseki se juntam a partir da estação Quatá. Chegamos na estação Álvares Machado às 20 horas. Às 21 horas fomos visitar o Sr. Yokoo em sua residência para ouvir sobre a região e combinar visita à Brejão shokuminchi

Sétimo dia. Treze de março. Chuva pela manhã. Depois das 10 horas da manhã seguimos a cavalo para Brejão shokuminchi de imigrantes japoneses. Visitamos a escola primária I e II e todo o shokuminchi. Quando retornamos à residência do Sr. Yokoo a chuva estava ainda mais forte. Um banquete foi realizado juntando as lideranças locais. Ouvi as experiências da comunidade durante o banquete. Tendo recebido aviso do atraso do trem por duas horas, fomos à estação às 22 horas. O trem chegou somente às 22:30 horas. Chegamos em Santo Anastácio às 23:30 horas. Nos hospedamos no Hotel Santiago. No dia seguinte a visita ao VaeVem Shokuminchi. Local de progresso de imigrantes japoneses... (Ushikubo, 1982, p.28)

Colônia VaeVem (1916, 1 100 alqueires) e Colônia Brejão (1917, 3 000 alqueires). Foram colônias planejadas por S. Hoshino, proprietário do jornal Nambei Shuho (Semanário America do Sul) perto das estações Santo Anatscio e Alvares Machado da linha Sorocabana em São Paulo. Foi local onde ocorreram no início, muitos problemas como doenças endêmicas e desnutrição. Mas, eram importantes referências enquanto núcleos de imigrantes japoneses. (Álvares Machado Nihonjinkai, 1968)

A expedição Umetani percorre a linha Sorocabana e parte do Paraná em pouco mais de uma semana em 1928. No caminho, visita núcleos coloniais oficiais, fazendas com colonos japoneses, grandes colônias de empreendedores japoneses e colônias de algumas dezenas de famílias. Como resultado dessa visita, a Sociedade Colonizadora do Brasil adquire em 1928 as terras do empreendimento localizado na bacia do rio Tibagi. (Yamaki, 2003).

## **Conclusão**

As expedições foram importante meio de reconhecimento de terras e de avaliação da situação dos núcleos coloniais imigrantes nos Estados de São Paulo e Paraná.

A montagem de mapa com o roteiro de acesso da pioneira expedição Barros (1927), via Paraguassu, Sertanópolis e Jatahy, elucida um fato pouco conhecido na historiografia local.

Tampouco são conhecidos os roteiros de expedições como a de Umetani (1928), em que eram avaliadas as condições dos núcleos coloniais de imigrantes japoneses e a disponibilidade de terras, com títulos certos, para colonização.

As expedições Barros e Umetani tinham propósitos diferentes. Constituíram ações importantes pré colonização do Norte do Paraná. Nas décadas seguintes a CTNP adotaria como estratégia a formação de núcleos coloniais imigrantes, e paralelamente intensificou-se a chegada de imigrantes japoneses ao Norte do Paraná. Foram importantes para a definição e caracterização da paisagem etnográfica norte paranaense.

## **Referências**

ALVARES MACHADO NIHONJINKAI, Takkon, Editora Paulista, SP, 1968

BIGG WHITHER, T.; Novo Caminho no Brasil Meridional: A Província do Paraná, Imprensa Oficial do Estado, 2001

SANTOS; R.; Colonização e Desenvolvimento do Norte do Paraná, Editora Ave Maria, São Paulo, 1975.

CORRÊA, Fernando A.; História da Região "Três Bocças" no Norte do Paraná, mimeo, 1991

MINISTÉRIO DA GUERRA; Colônia Jatahy, Relatório 1883, Disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/u2225/contents.html>

FREITAS JUNIOR, A.; Terras e Colonização, Garnier, Rio de Janeiro, 1882. Disponível em [http://www.livrosgratis.com.br/arquivos\\_livros/bd000144.pdf](http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/bd000144.pdf)

TRES BARRAS 25 SHUNEN KINEN IINKAI, Tres Barras Ijuchi, s/ed.; Assaí, 1960

USHIKUBO, S.; Comemoração dos 50 anos da Colônia Três Barras, Ed. Paraná Shimbun, Londrina, 1982

WACHOWICZ, Ruy C.; Norte Velho, Norte Pioneiro, Gráfica Vicentina, Curitiba, 1987

WISSENBACH, Maria C.C.; Desbravamento e Catequese na Constituição da Nacionalidade Brasileira: as Expedições do Barão de Antonina no Brasil Meridional, in Revista Brasileira de História, v. 15 n.30, pp.137-155, 1955

YAMAKI, Humberto; Mini Atlas da Colônia Internacional – As Terras da CTNP, Edições Humanidades, Londrina, 2008

## **Agradecimentos**

Ao CNPq pelo apoio à pesquisa sobre paisagem norte paranaense, ao Grupo de Pesquisa do Laboratório de Paisagem, às bolsistas IC: Carolina Hakamada e Isabela Martins.